

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Letras
Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras

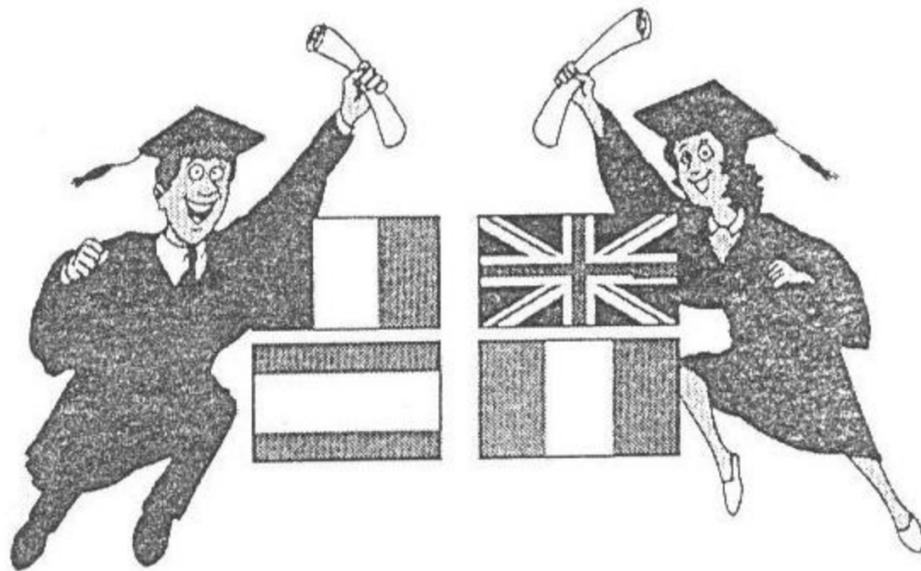
Comissão Organizadora:

Prof. Dr. Francisco José Quaresma de Figueiredo – Presidente
Inglês: Prof. Dr. Francisco José Quaresma de Figueiredo
Francês: Prof. Luiz Maurício Rios
Espanhol: Profa. Sara Guiliana Gonzales Belaonia
Italiano: Profa. Margareth Nunes

Conselho Editorial:

Profa. Dayse Maria Pires
Profa. Dra. Dilys Karen Rees
Profa. Eliane Carolina de Oliveira
Prof. Dr. Francisco José Quaresma de Figueiredo
Profa. Grace Aparecida Pinheiro Teles-Botter
Profa. Dra. Heloísa Augusta Brito de Mello
Profa. Dra. Lucielena Mendonça de Lima
Prof. Luiz Maurício Rios
Profa. Margareth Nunes
Profa. Maria Aparecida Yazbec Sebba
Profa. Dra. Rosane Rocha Pessoa
Profa. Sara Guiliana Gonzales Belaonia
Profa. Valdirene Maria de Araújo Gomes

Anais do V Seminário de Línguas Estrangeiras



A Formação do Professor de Línguas Estrangeiras

Goiânia – 11 a 13 de junho de 2003

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. (Org.). *Anais do V Seminário de Línguas Estrangeiras – UFG*. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2003.

CONTRIBUIÇÕES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA AO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: O CASO DAS VOGAIS ALTAS FRONTAIS E DO GLIDE /j/ NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Flávia Azeredo Silva (PG-UFMG)

Thaís Cristófar-Silva (UFMG/King's College of London)

Resumo

No presente estudo foi investigada a hipótese da contribuição da fonética e da fonologia para o aprendizado de inglês como língua estrangeira. Por meio de um experimento investigou-se a produção das vogais altas frontais /i/ e /i:/ e do glide /j/ por aprendizes brasileiros de inglês. Foram analisadas neste artigo, além da produção da língua-alvo (LA), a interlíngua e a interferência da língua materna no aprendizado da LA. Os pontos fundamentais da pesquisa são a consideração da relevância da língua materna para o aprendizado da segunda língua e a consideração de que o aprendiz processa o detalhe fonético, premissas que não são geralmente consideradas na produção de materiais didáticos atuais.

Os resultados mostram que a interlíngua dos informantes sofreu um acentuado desenvolvimento na qualidade da produção dos sons investigados. Constatou-se também que a associação de informações fonéticas e fonológicas da língua materna com as da segunda língua, propicia um aprendizado de pronúncia mais dinâmico e eficaz.

Introdução

O desenvolvimento de pesquisas na área de fonética e de fonologia, principalmente na área de pronúncia, ainda é bastante incipiente. Analogamente, a pesquisa na área de aquisição fonológica de segunda língua possui ainda muitas lacunas a serem preenchidas (Baptista, 2000, p. 20). Com o objetivo de contribuir neste sentido, o presente estudo explora alguns aspectos relevantes da utilização da fonética e da fonologia para a aquisição de segunda língua. A relevância da fonética e da fonologia para o ensino e aprendizagem da segunda língua está no fato de elas se complementarem nos estudos dos sons da fala. Enquanto a fonética é basicamente descritiva e baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons, a fonologia possui uma abordagem interpretativa e tem como enfoque o comportamento dos sons dentro de uma língua. Cagliari (2002, p. 18-19) afirma que o entrosamento entre fonética e fonologia representa a exigência de adequação da interpretação gerada pelos modelos teóricos com os fatos reais das línguas. Assim, lança-se mão do caráter descritivo da fonética e interpretativo da fonologia criando um experimento que torne a relação dos aprendizes com a pronúncia mais factível.

Baptista (2000) afirma que há uma falta de integração entre pesquisa e material didático na área de ensino de pronúncia. Outro ponto importante é afirmado por Silveira (2002), com relação aos materiais de pronúncia ignorarem a língua materna do aprendiz. Assim, o presente trabalho visa a discutir o valor da instrução fonética e fonológica em sala de aula de inglês como língua estrangeira bem como o papel desempenhado pela língua

materna na aquisição da segunda língua. Esta investigação teve como objeto de estudo as vogais altas frontais /i:/ e /ɪ/ e o glide /j/ do inglês e do português brasileiro.

A escolha desses sons deu-se, primeiramente, pelo fato de que embora /i:, ɪ, j/ ocorram como sons individuais tanto no português quanto no inglês, a distribuição de tais sons é particular a cada uma das línguas em questão. Esta escolha é corroborada pelas afirmações de pesquisadores como Mayor (1994), Ladefoged (1993) e Jenkins (2000), que afirmam que, dentre outros itens, a qualidade na produção das vogais é importante para estabelecer uma comunicação inteligível na língua alvo e também pelo fato de muitos estudos de pesquisadores como Morley (1979), Odlin (1989), Ladefoged (1993) e Pennington (1996) apresentarem possíveis problemas que aprendizes de inglês, como língua estrangeira ou segunda língua, podem encontrar na produção da LA, sem, contudo, discutirem soluções para eles.

Metodologia

Foram selecionados, de forma aleatória, 16 alunos de duas escolas de línguas de Belo Horizonte, sendo oito (8) alunos de cada uma das escolas. Para cada grupo de oito alunos, quatro pertenciam ao nível de iniciantes e cursavam o terceiro semestre do curso, ou o equivalente a 180 horas-aula. Os outros quatro pertenciam ao nível avançado desse mesmo curso e estavam no nono semestre, equivalente a aproximadamente 480 horas aulas.

Desses 16 informantes, oito eram homens e oito mulheres, todos naturais de Belo Horizonte, com idades variando de 13 a 35 anos. Com relação ao tempo de exposição à LA, a maioria dos adultos afirmou já haver frequentado um curso de línguas anteriormente. De um modo geral, todos os informantes já haviam estudado inglês anteriormente, no ensino médio ou em cursos livres. O tempo de exposição à LA desses informantes varia de 17 meses a quatro anos e cinco meses. No entanto, nenhum deles relatou ter tido experiência em país nativo da LA.

Dentre as quatro habilidades (fala, escrita, leitura, compreensão oral), todos os informantes manifestaram um maior desejo no aprimoramento de sua habilidade da fala ou da comunicação oral na LA. A Tabela 1 apresenta informações a respeito dos referidos informantes.

TABELA 1: Informações sobre os informantes

	TI1	TI2	TI3	TI4	TA1	TA2	TA3	TA4	CI1	CI2	CI3	CI4	CA1	CA2	CA3	CA4
Sexo	F	F	M	M	F	F	M	M	M	M	F	F	F	F	M	M
Idade	31	14	24	16	17	16	18	17	13	14	14	15	18	35	21	17
Tempo de exp. à língua: horas/aula	360	180	120	480	480	480	480	480	180	120	180	180	540	480	600	480

Análises estatísticas foram realizadas para investigar a existência de relação entre idade e desenvolvimento lingüístico. Embora os resultados tenham mostrado dados interessantes confirmando essa relação, considerou-se inadequado fazer generalizações nesse sentido devido ao número não representativo do universo de alunos utilizados nesta pesquisa.

A fase de coleta de dados foi realizada conforme a seguinte descrição:

- 1) **Informantes:** utilizou-se a divisão natural das duas escolas de línguas para formar os grupos Teste e Controle. Cada um desses grupos foi composto por quatro alunos de nível iniciante e quatro de nível avançado, perfazendo um total de oito informantes.
- 2) **Instrumentos:** utilizou-se, primeiramente, um questionário para investigar a naturalidade dos informantes, a idade, o tempo de exposição à língua alvo e se eles tinham algum amigo ou parente que frequentava curso de línguas. Essa última questão foi adotada para investigarmos se os informantes conheciam informantes do grupo oposto.
- 3) **Exercícios estruturados:** esta atividade consistiu na apresentação de figuras para elicitarem palavras contendo os segmentos que seriam investigados na LA e na língua materna. Os informantes leram em voz alta dois textos, um na LA e o outro no português brasileiro, os quais foram gravados em áudio. Neste trabalho, foram utilizados apenas os dados da elicitación de figuras.
- 4) **Instruções:** o grupo de teste foi exposto a instruções diferenciadas consistindo de duas séries de instruções fonéticas e fonológicas, quanto à produção dos sons [i:], [ɪ] e o [j] do inglês. As instruções abordaram tanto o detalhe fonético da língua materna quanto o da LA, bem como detalhes motores e exemplos que tiveram a língua materna como referência para a produção da LA. Um exemplo desta instrução encontra-se na próxima seção deste texto.
- 5) **Equipamentos e materiais:** computador portátil Toshiba, *headphone*, microfone unidirecional e software específico para gravação da voz (*Speech Analyser Tool*), material necessário para o registro dos dados verbais e investigação acústica da produção.
- 6) **Local das gravações:** as gravações foram realizadas em uma sala de aula de cada escola de língua estrangeira.

Experimento

Tanto com o grupo-teste quanto com o grupo-controle foi realizada uma gravação antes de qualquer instrução com o objetivo de que essa fosse utilizada como referência na avaliação das gravações seguintes. Esta gravação foi denominada "gravação zero". Os informantes foram gravados individualmente, produzindo a LA e a língua materna. A língua materna foi gravada apenas na gravação zero.

As duas sessões de instrução de cada grupo (teste e controle) foram realizadas com todos os informantes, de cada grupo, reunidos em uma sala de aula. O grupo-controle não recebeu nenhuma instrução especial quanto à pronúncia da LA. As instruções recebidas por este grupo seguiram a abordagem tradicional encontrada nas aulas de língua atualmente (apresentação dos sons e repetições). Por outro lado, as instruções do grupo-teste tiveram como objetivo fornecer instruções fonéticas e fonológicas da língua materna e da LA. Cada sessão de instrução durou aproximadamente 40 minutos.

Na Tabela 2, é apresentado o roteiro de instruções fonéticas e fonológicas que foram passadas para os informantes do grupo teste. As duas séries de instruções abordaram tanto o detalhe fonético da língua materna quanto o da LA, bem como detalhes articulatórios e exemplos tendo a língua materna como referência para a produção da LA.

TABELA 2: Roteiro de instruções fonéticas e fonológicas para o segmento [i:]

/i: /

Foi mostrada a importância da distinção entre o [ɪ] frouxo e o [i:] tenso. Foi explicado que em inglês ele tem caráter distintivo como, por exemplo, nas palavras Sh[ɪ]p e Sh[i:]p; o que não ocorre em português.

Foi mostrado que no português temos vogais alongadas e não realmente longas. Por exemplo, *Afta*. A vogal [a] pode ser produzida como [a] ou [a:] dependendo do falante e do dialeto e dependendo ou não da ocorrência da epêntese.

Foi mostrada a questão motora, a posição dos lábios e da língua.

Noções de regras foram dadas, para que os informantes soubessem quando esse segmento poderia ocorrer, para que os mesmos soubessem quando alongar a vogal. Por exemplo, o segmento [ɪ] só acontece em sílaba fechada em inglês, como em p[ɪ]g; e o segmento [i:] acontece em ambas sílabas abertas e fechadas: t[i:] tea, m[i:]t meat.

Também foram explicadas questões sobre correlatos ortográficos. Por exemplo, que um conjunto de letras pode representar um som.

Todos estes passos foram realizados com exemplos visuais.

Por último foi realizada uma atividade para que os informantes pudessem praticar, e tirar suas dúvidas. Atividades como ditado de pares mínimos e frases. Os informantes anotaram se estavam ouvindo o segmento tenso ou frouxo. Palavras como: eat – it / leek – lick / leave – live / beat – bit.

Sete dias após cada sessão de instrução, os informantes foram solicitados a fazer gravações da LA. Cada gravação foi realizada individualmente e durou cerca de 20 minutos. No início de cada gravação, o informante recebia gravuras ilustrando o léxico que seria elicitado. Um exemplo dessas gravuras está ilustrado na Figura 1:

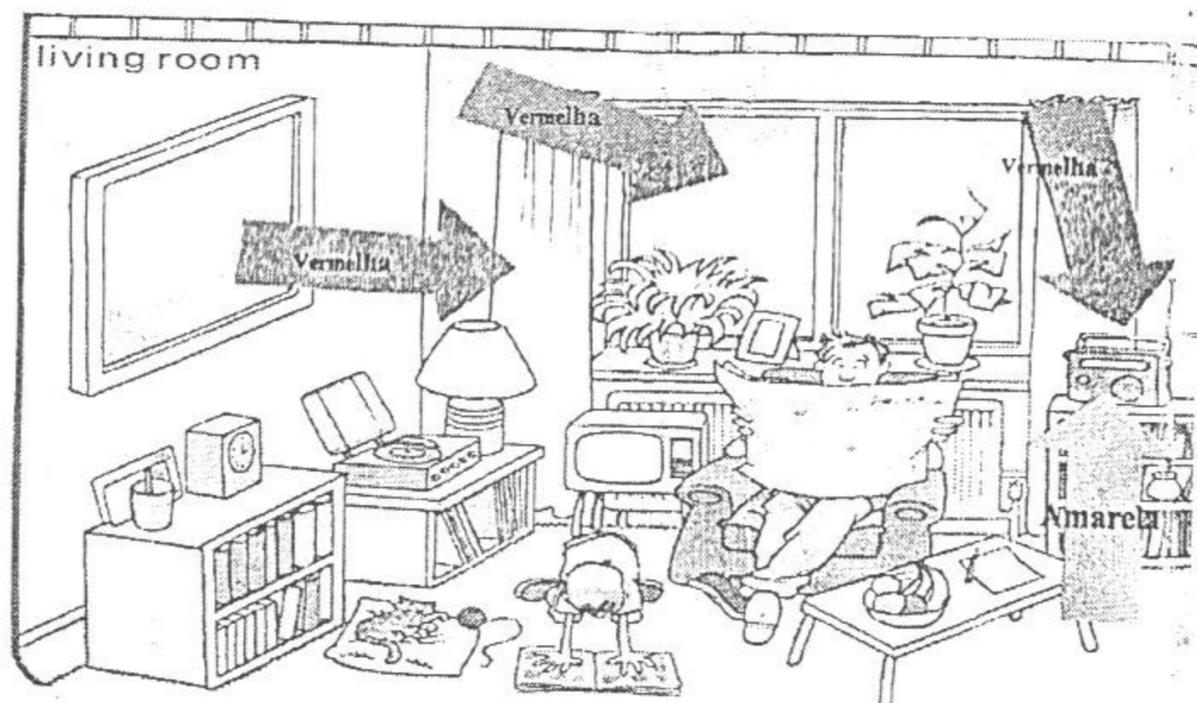


Figura 1: Exemplo de ilustração utilizada nas gravações

Cada gravura continha pontos específicos marcados com setas vermelhas e amarelas. Para as setas vermelhas, os informantes falavam a palavra em inglês e para as setas amarelas em português. Cada língua foi gravada separadamente. A elicitación dos dados foi realizada através de figuras para não haver interferência de correlatos ortográficos.

Depois de encerradas todas as gravações, elas foram transcritas foneticamente e posteriormente analisadas perceptivamente. Análises acústicas também foram realizadas observando o primeiro e o segundo informantes. De fato, os resultados desta pesquisa consideraram a primeira (gravação zero) e a última gravação, devido ao interesse exclusivo na posição final do desenvolvimento de cada informante.

Resultados

Um aprendiz de línguas passa por várias etapas com relação ao desenvolvimento lingüístico e cognitivo até chegar à produção oral da LA. Assim, este projeto visava a investigar a eficácia da instrução formal e explícita quanto aos parâmetros fonéticos e fonológicos, dentro do processo de aquisição de segunda língua, mais especificamente a produção oral.

Um segundo objetivo era contribuir, mesmo que de forma incipiente, para a investigação do papel da língua materna no desenvolvimento da interlíngua do aprendiz, observando o nível de desenvolvimento alcançado por ele, antes e depois das instruções recebidas.

O terceiro objetivo proposto consistia em observar, dentre os segmentos investigados, qual teve o melhor e o pior desempenho pelos informantes na gravação zero, ou seja, antes das instruções, e se este quadro se mantinha na gravação final, após as instruções.

Gravação zero

A gravação zero mostra o nível de desempenho inicial dos informantes, antes de qualquer instrução. A figura 2 mostra, em valores relativos, o número de acertos¹ para cada segmento, para os grupos controle e teste:

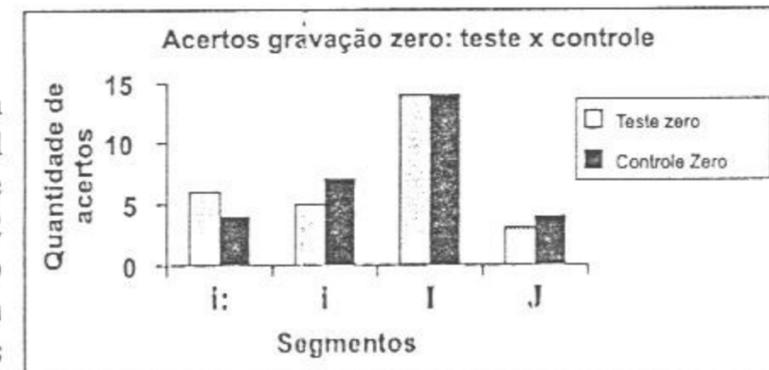


Figura 2: Percentual de acertos (grupos teste e controle) para a gravação zero.

Legenda: i: = /i:/ i = /i/ I = /ɪ/ J = /j/

Pode-se afirmar que, nesse estágio, os grupos (teste e controle) estão estatisticamente equilibrados. Para todos os segmentos, o número de acertos é estatisticamente o mesmo. Observa-se, porém, que a vogal frouxa apresenta um número de acertos maior do que os

¹ Estamos usando os termos *acerto*, *erro* e *não falou* apenas como formalidade, não entrando no mérito de discussões no campo da Linguística aplicada. O termo *acerto* neste trabalho mostra apenas que o informante discriminou o segmento, *erro* que o informante não discriminou, e *não falou* representa omissão.

outros segmentos. Uma justificativa para esse fenômeno... podem ocorrer menos omissões com relação ao léxico selecionado para esse...

A Figura 3 apresenta a média dos dois grupos em relação à gravação zero, considerando os eventos "acerto", "erro" e "omissão". Pode-se afirmar que ambos estão no mesmo nível, pelo menos no que diz respeito ao número de acertos. O parâmetro $p = 0,8776$ do teste de distribuição do qui-quadrado mostrou não haver interferência entre pertencer a um grupo ou a outro. Embora o número de erros e omissões entre os grupos seja diferente estatisticamente, a hipótese da influência da instrução diferenciada será testada a partir do desempenho posterior dos grupos, com relação aos acertos dos mesmos. Com relação às omissões, acredita-se que se devem ao nervosismo dos informantes diante de uma situação de teste. Não se pode afirmar que os informantes não conheçam o léxico explorado. O corpus foi cautelosamente selecionado a partir de uma pesquisa criteriosa em material didático para ensino de inglês como língua estrangeira para alunos iniciantes.

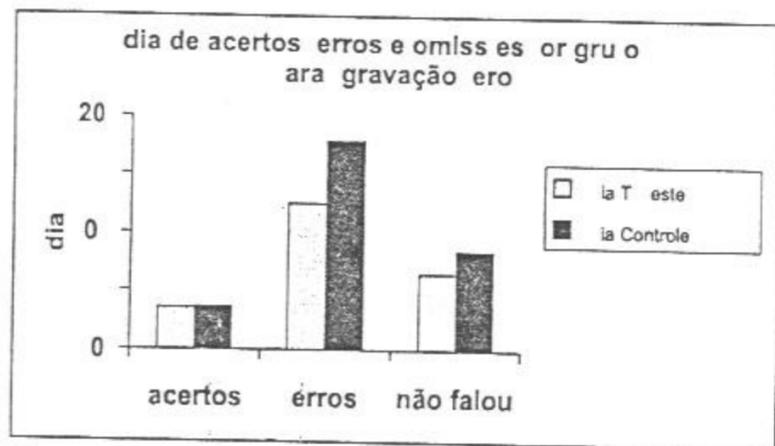


Figura 3: Média dos grupos em relação à gravação zero para o grupo teste e controle.

este qui-quadrado para o número de acertos na gravação final: teste e controle
valor P: ...

Gravação final

A Figura 4 mostra os dados relativos à última gravação de ambos os grupos.

Após as instruções, a situação relativa dos grupos mudou. Pode-se afirmar que o número de discriminações corretas produzidas pelos informantes do grupo teste aumentou de forma significativa em relação ao grupo controle. Observou-se o aprimoramento dos informantes do grupo teste na produção de todos os segmentos, e a Figura 4 demonstra que esse se mostrou mais acentuado com relação ao segmento tenso /i:/. Acredita-se que esse fenômeno esteja relacionado à maior facilidade na articulação desse som pelo falante brasileiro de inglês, e também pela

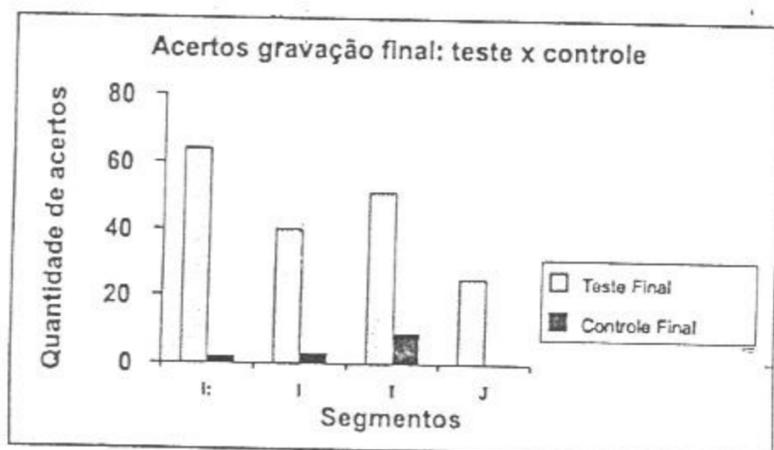


Figura 4: Quantidade de acertos para os grupos de controle e de teste na gravação final.

distinção... não estar no alongamento da produção desta vogal. Verificou-se que o mesmo não aconteceu com o segmento frouxo /i/. Sua produção envolve tanto duração quanto articulação, o que, para os falantes brasileiros de inglês, parece ser mais complicado devido à associação que estes fazem do segmento /i/ ao correlato ortográfico ou acústico [i] do português brasileiro. Comprova-se, portanto, a hipótese de Flege (1986), de que, quando temos um segmento na LA similar a um da língua materna, é mais difícil para o aprendiz produzir a distinção entre eles.

A Figura 5 representa a média dos grupos teste e controle com relação à gravação final.

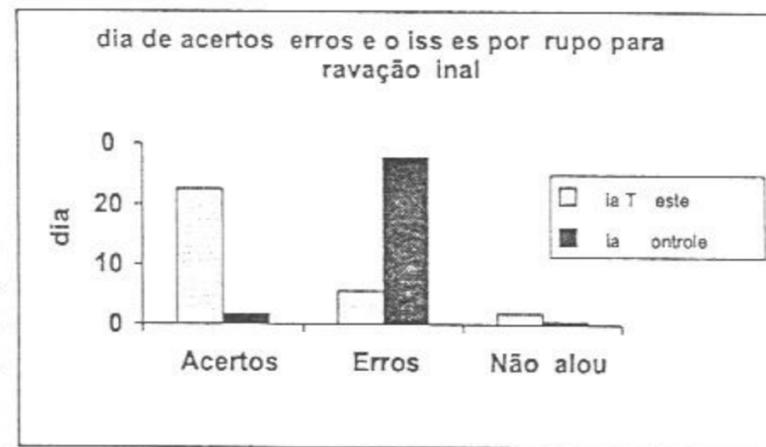


Figura 5: Média dos grupos teste e controle com relação à gravação final para os grupos teste e controle.

este qui-quadrado para o número de acertos na gravação final: teste e controle
valor P: ...

Os resultados da gravação final de ambos os grupos demonstram que de um modo geral ocorreu uma melhora acentuada no que se refere à discriminação entre os segmentos para o grupo teste, ao contrário do grupo controle que permaneceu inalterado. O valor $p = 0$ do teste do qui-quadrado comprova que, após a instrução diferenciada, existe uma diferença entre pertencer ao grupo teste ou ao grupo controle, comprovando, assim, a hipótese desta pesquisa.

Em outra versão deste trabalho, poder-se-á realizar um levantamento destes dados por informante, para se avaliar individualmente a eficácia da instrução, ou mesmo para se apontar, com maior precisão, qual o segmento que é mais ou menos discriminado pelo informante.

A Figura 6 mostra o desenvolvimento do grupo teste na gravação final em relação à gravação zero. Fica claro, para o teste final, que os acertos aumentaram e os erros diminuíram, demonstrando de outra forma a relevância das instruções fonéticas e fonológicas no aprendizado de pronúncia de uma língua estrangeira.

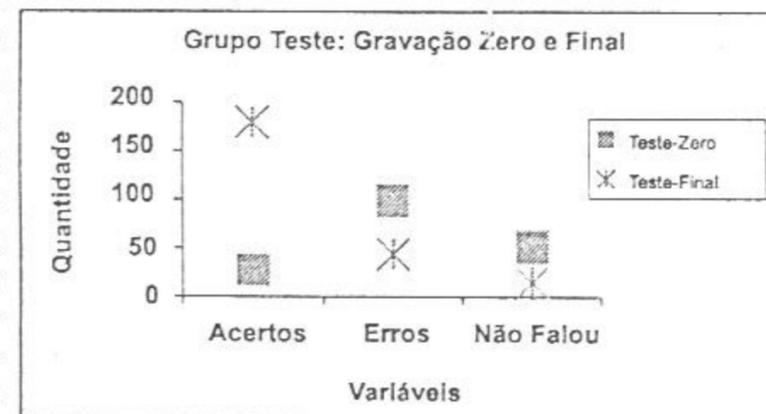


Figura 6: Desenvolvimento do grupo teste: gravação zero e final

Conclusão

A hipótese da relevância da instrução fonética e fonológica, e do papel da língua materna na aquisição do sistema sonoro de uma língua estrangeira foram comprovadas pelos resultados experimentais obtidos. Os dados mostram que as instruções fonética e fonológica desempenham um papel crucial na aquisição de uma língua estrangeira e que o conhecimento do sistema sonoro da língua materna é um elemento distintivo para promover a autonomia do aprendiz e facilitar seu aprendizado da LA.

Este trabalho mostrou que os aprendizes de inglês de Belo Horizonte investigados apresentam dificuldade na produção dos segmentos [ɪ], [i:] e [j] e que, após instruções técnicas específicas, essas dificuldades foram minimizadas. Não se pode afirmar que os aprendizes passaram a produzir a LA com 100% de acertos, mas, com certeza, eles estão mais conscientes da existência de propriedades segmentais específicas entre esses sons.

Contudo, este trabalho não investigou longitudinalmente essa hipótese. De acordo com Baptista (2001, p. 19), estudos "cross-sectional" têm seu valor, mas deixam a desejar com relação à sedimentação da informação pelo informante. Espera-se preencher tal lacuna em trabalhos futuros decorrentes desta pesquisa.

Espera-se ainda com este trabalho, mesmo não abarcando o universo de estudantes de inglês como língua estrangeira, fornecer subsídios para futuro desenvolvimento de uma metodologia mais adequada para o ensino da pronúncia de inglês como língua estrangeira.

Referências

- BAPTISTA, B. O. *The Acquisition of English vowels by Brazilian-Portuguese speakers*. Florianópolis - SC: Gráfica editora Pallotti, p. 19-20, 2000.
- CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP: Mercado das Letras, p.18-19, 2002.
- FLEGE, J. E. Effects of equivalence classification on the production of foreign language speech sounds. In: JAMES, A.; LEATHER, J. (Ed.). *Sound Patterns in Second Language Acquisition*. Dordrecht, Holland: Foris, 1986. p. 9-39.
- JENKINS, J. *The phonology of English as an International Language: new models, new norms, new goals*. Oxford: Oxford University Press, p. 7-132, 2000.
- LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. 3rd ed. New York: Harcourt Brace College Publishers, 1993.
- MAYOR, R. C. Current trends in interlanguage phonology. In: YAVAS, M. (Ed.). *First and Second Language Phonology*. San Diego: Singular Publishing Group, 1994. p. 181-203.
- MORLEY, J. *Improving spoken English*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 1979.
- ODLIN, T. *Language transfer, cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- PENNINGTON, M. C. *Phonology in English Language Teaching: an international approach*. London: Addison Wesley Longman, 1996.
- SILVEIRA, R. Pronunciation instruction classroom practice and empirical research. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 93-126, 2002.